

57

ARTHUR AZEVEDO

O

JAGUNÇO

REVISTA FLUMINENSE

DOS

ACONTECIMENTOS DE 1897

EM

em 3 actos e 17 quadros

PARTE CANTADA

RIO DE JANEIRO

IMPRESA AMERICANA — Rua da Assembléa n. 75

— 1898 —

Je ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



O JAGUNÇO

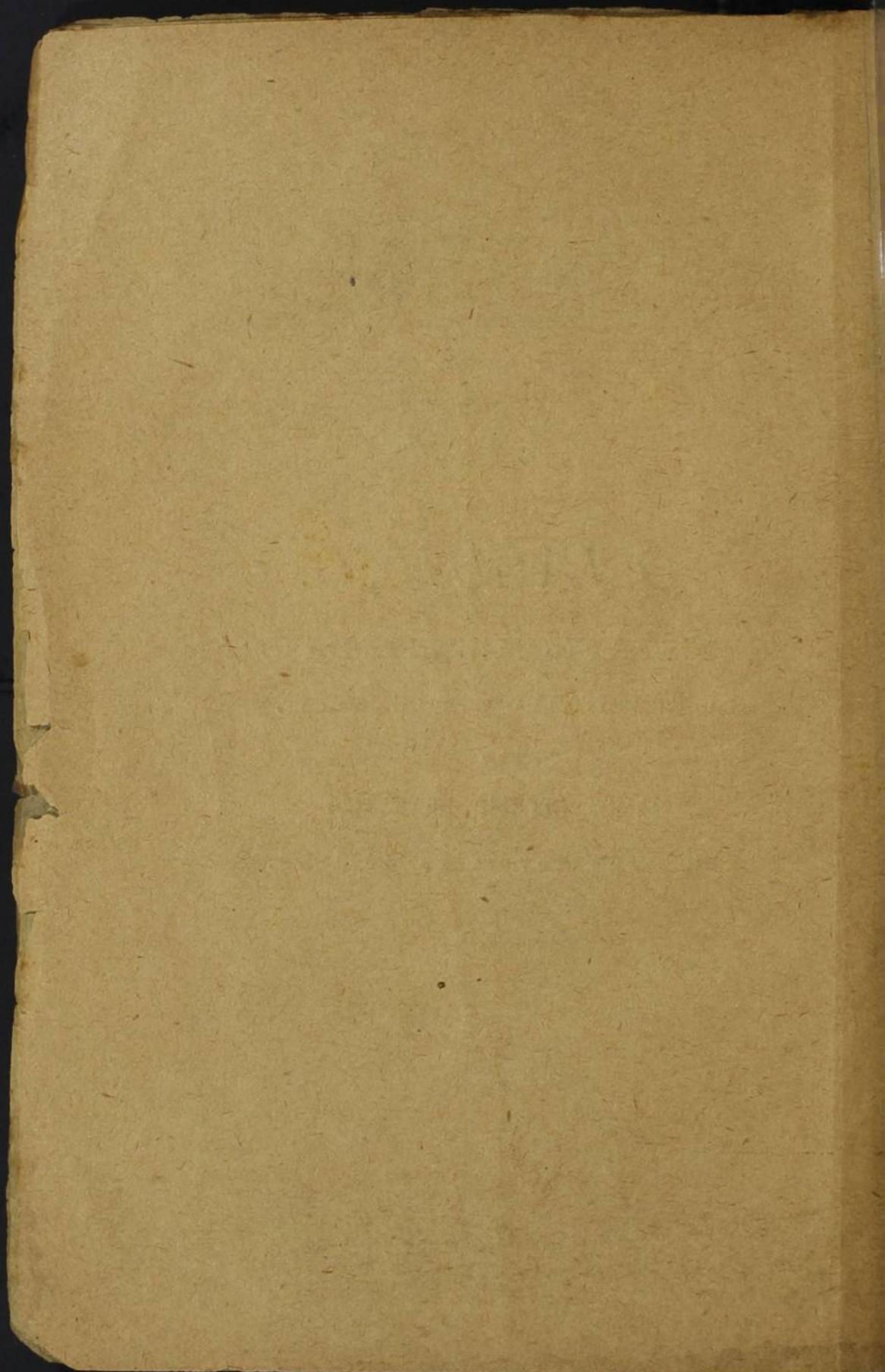
REVISTA FLUMINENSE DE 1897

REPRESENTADA NO RIO DE JANEIRO,

NO

Theatro RECREIO DRAMATICO

Em 5 de Fevereiro de 1898.



AO POPULARÍSSIMO

E

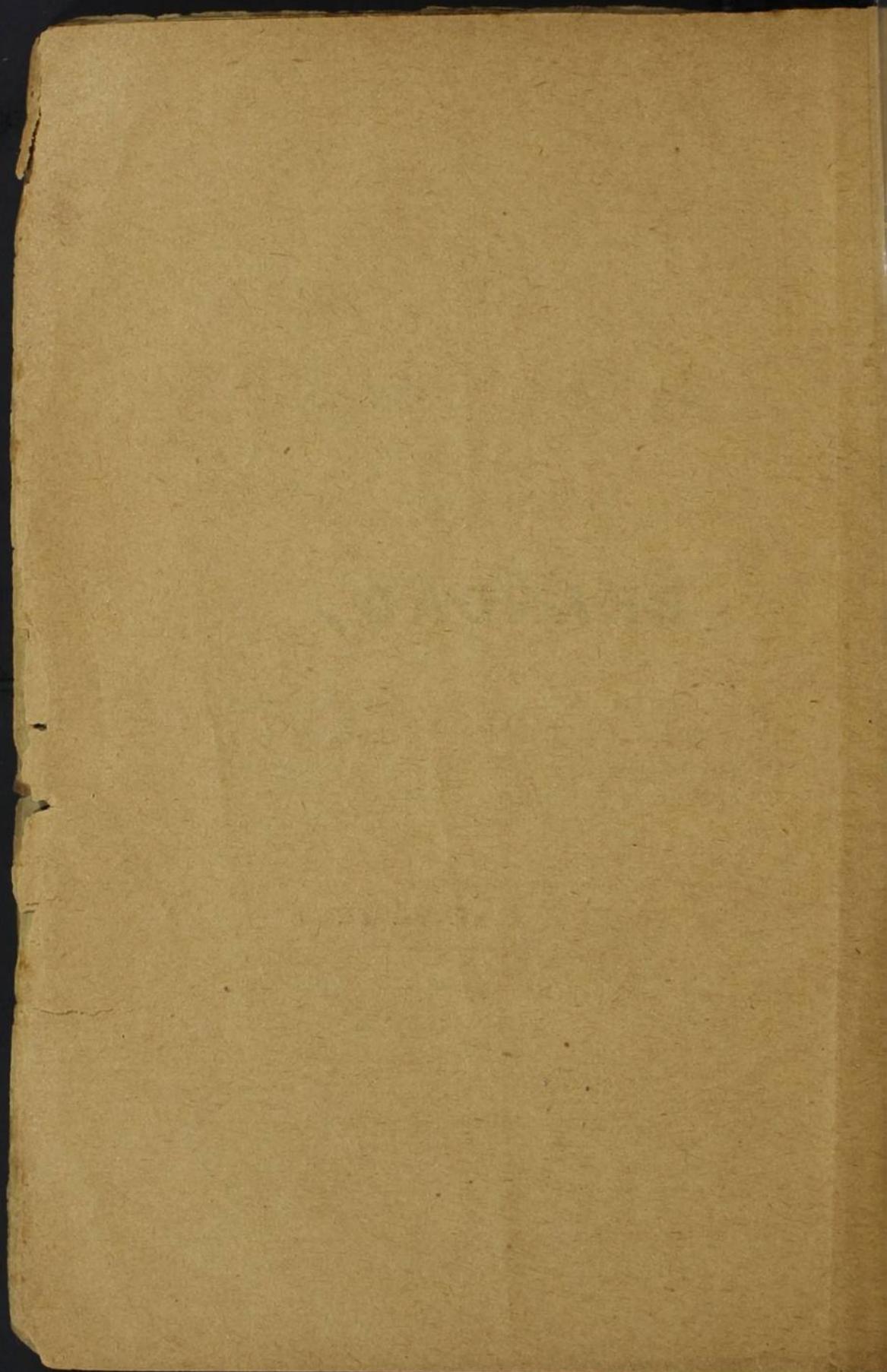
AMICÍSSIMO

BRANDÃO,

fazendo votos para que o *Jagunço*
lhe depare um triumpho igual aos que
alcançou com a *Viagem ao Parnaso*,
o *Tribofe* e a *Capital Federal*,

O. D. C.

Arthur Azevedo.



ARTHUR AZEVEDO

O
JAGUNÇO

REVISTA FLUMINENSE

DOS

ACONTECIMENTOS DE 1897

EM

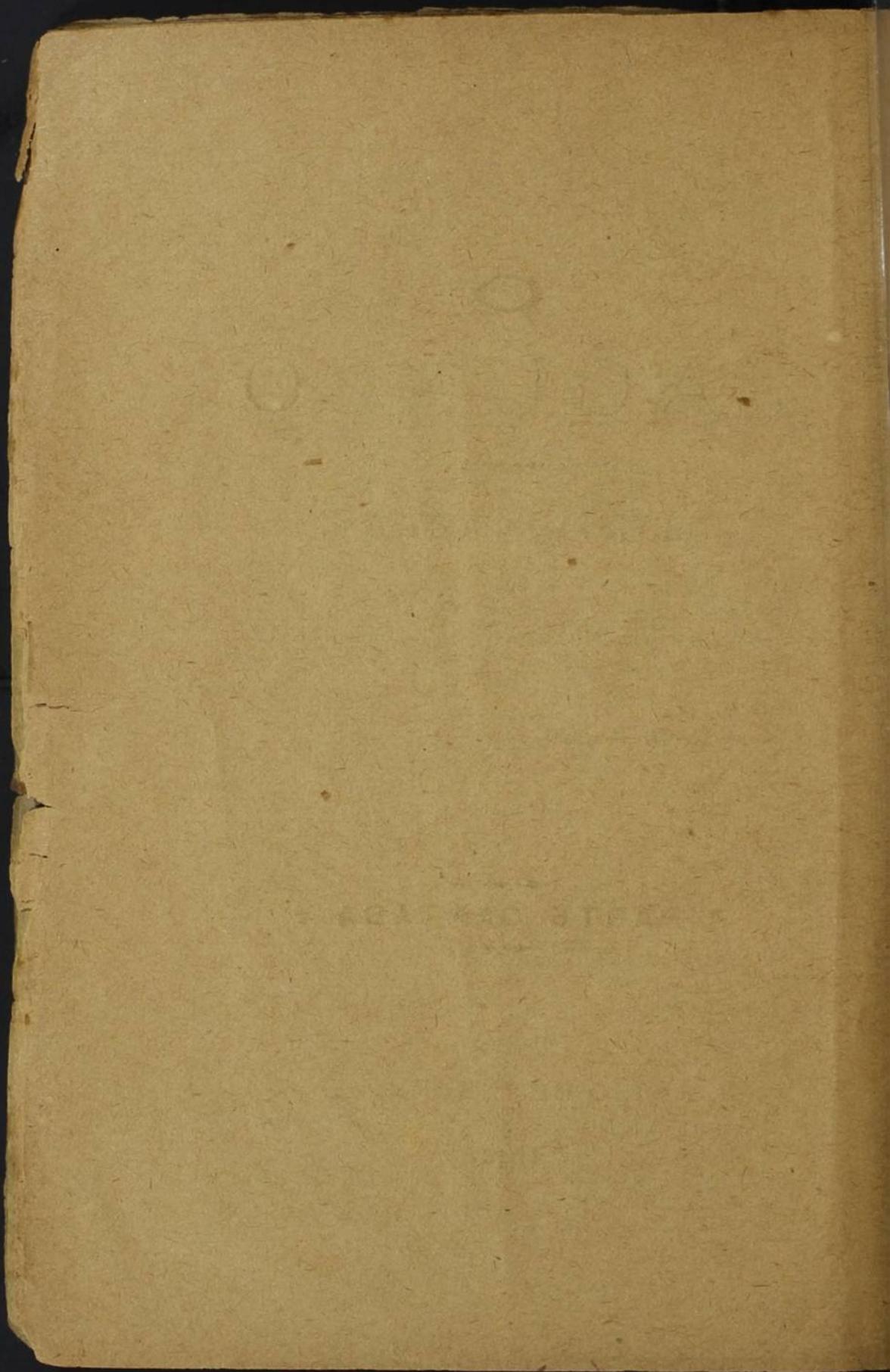
em 3 actos e 17 quadros

PARTE CANTADA

RIO DE JANEIRO

IMPRESA AMERICANA — Rua da Assembléa n. 75

— 1898 —



PERSONAGENS

A Princesa Ninharia.....	<i>D. Herminia Adelaide.</i>
A Rainha Bagatella, uma Senhora	<i>D. Balbina Maia.</i>
Madame Dubois.....	<i>D. Blanche Grau.</i>
A Companhia Ferro-Carril Carioca, a Academia Bra- sileira de Letras, Helena de Kerlor.....	<i>D. Carmen.</i>
A Mulher sem cabeça, o Theatro Nacional.....	<i>D. Concetta.</i>
A Flor de Sangue, Bicota. Nicota, a Primavera, o Demo- nio Familiar, um Tabellião	<i>D. Estephania.</i>
A Inana, o Anno de 1897, outro Tabellião.....	<i>D. Olivia.</i>
O Outomno, Mãe.....	<i>D. Salvadora.</i>
O Inverno, Iracema, um Ga- roto.....	<i>D. Thereza.</i>
Diva, outro Garoto.....	<i>D. Regina.</i>
Uma Mulher que pede es- molas, Luciola.....	<i>D. Guilhermina.</i>
O Verão.....	<i>D. Rosa Setta.</i>
A Viuvinha.....	<i>D. Colomba.</i>
Senhora.....	<i>D. Amalia.</i>
Til.....	<i>D. Felicita.</i>
Uma Alumna de prosodia..	<i>D. Carolina.</i>
Um Abandonado.....	<i>D. Felicia.</i>
Outro Abandonado.....	<i>D. Carmen Arau.</i>
O Jagunço.....	<i>D. Rosina.</i>
Um Reporter, um Andador das almas, um Caixeiro de venda, um Vendedor de ovos, uma Noiva, um Velho artista.....	<i>Sr. Brandão.</i>
	<i>Sr. Machado.</i>

O Rei Frioleira, um Gatuno, o Dr. Ceroplastico, outro Tabellião.....	<i>Sr. Pinto.</i>
Chagas.....	<i>Sr. Veiga.</i>
O Papagaio de Canudos, o Homem do gaz, Napoleão, o Commendador.....	<i>Sr. Portugal.</i>
Um Anarchista, um Padeiro, um Medico, Braguinha, o Barão.....	<i>Sr. Cezar de Lima.</i>
Hermenegildo, um Homem que espera o bond, um Conquistador, um Poeta, um Jornalista.....	<i>Sr. Henrique Lima.</i>
Um Cortezão, um Transeunte, outro Homem que espera o bond, um Creado, um Alumno de prosodia....	<i>Sr. Louro.</i>
Um Arauto, outro Transeunte, Vieirinha.....	<i>Sr. Oliveira.</i>
Um Official chileno, outro Transeunte.....	<i>Sr. Valle.</i>
Outro Gatuno, o Guarany, outro Transeunte.....	<i>Sr. Francisco Jorge.</i>
Outro Cortezão, o Gaucho.	<i>Sr. Fernando Lima.</i>
Outro Cortezão.....	<i>Sr. Ribeiro.</i>

Cortezãos do reino das Futilidades, Officiaes,
Soldados, Hospedes da pensão Dubois, Familias que
vêm do Cassino, Pessoas do povo, etc.

O JAGUNÇO

ACTO PRIMEIRO

QUADRO I

A sala do throno do reino das Futilidades.

N. 1

CÔRO

(Musica de Luiz Moreira)

O nosso rei Frioleira
Ordenou que nesta sala
A côrte inteira
Viesse á fala.

Com certeza alguma asneira
O levou a convocar-a.

—Que será?

—Sei lá!

—Quer talvez que proponhamos
Novos impostos!

—Vamos ver porque aqui estamos
Todos a postos...

—O nosso rei Frioleira, etc.

N. 2

COPLAS RECITADAS

(Musica do mesmo)

I

O REI.

Nós não cantamos os *couplets* do estylo.

A RAINHA.

Nós limitamo-nos a recital-os.

O REI.

Porque nem mesmo tenho a voz de um grillo...

A RAINHA.

E a minha poderia afugental-os.

O REI.

A declamar, porém, não faço asneira.

A RAINHA.

Quando recito, a minha voz é bella.

O REI.

Saiba-se, pois, que eu sou el-rei Frioleira...

A RAINHA.

E que eu sou a rainha Bagatela.

CORO.

Saiba-se, pois, que elle é el-rei Frioleira,
E que ella é a rainha Bagatela.

II

A RAINHA.

E' este o reino das Futilidades.

O REI.

Não tratamos aqui de assumptos uteis.

A RAINHA.

Nós só cuidamos de frivolidades...

O REI.

De frioleras e de coisas futeis.

A RAINHA.

Portanto, a vida aqui corre ligeira ;

O REI.

Corre ligeira sem se dar por ella !

A RAINHA.

Graças ao nosso grande el-rei Frioleira,

O REI.

E graças á rainha Bagatela.

CORO.

Graças ao nosso bom el-rei Frioleira,
E graças á rainha Bagatela!

N. 3

COPLAS DA INANA

(Musica de Paulino do Sacramento)

I

Eu sou a Inana formosa
Que se suspende no ar,
E a multidão curiosa
Faz todo o dia pasmar.
O meu fiel empregario
Reclames sabe fazer,
E muito bom numerario
Tem sabido suspender,
Na porta sempre a gritar:
A Inana vae começar!

CORO

A Inana vae começar!

A INANA.

II

O caso é que toda a gente
A bella Inana vae ver!
Fica o menino contente,
E o velho sente prazer!
Eu tenho tamanha sorte,
Tão afortunada sou,
Que um deputado do Norte
A' Inana se comparou!
E o empregario a gritar :
A Inana vae começar!

CORO.

A Inana vae começar!

N. 4

COPLAS DO PAE PAULINO

(Musica popular portugueza)

I

Senhores, o pae Paulino,
Ao som da fado do Hilario,
Gingando o corpo franzino,
Não é um preto ordinario.
Sem elle qualquer tourada
Parece um prato sem molho;
Portanto, é coisa provada
Que pae Paulino tem olho.

CORO.

Portanto, é coisa provada,
Que pae Paulino tem olho!

O PAE PAULINO.

II

Do velho mundo mandado,
Eu mostro a toda esta gente
Que um velho desengonçado
Bem póde ser um valente.
Na arena quando appareço
De casaquinha encarnada,
Alcanço muito successo,
Mas levo muita pancada!

CORO.

Alcança muito successo,
Mas leva muita pancada!

N. 5

COPLAS DO PAPAGAIO DE CANUDOS

(Musica de Luiz Moreira)

I

Ha papagaios estupidos,
Que só sabem papaguear ;
No meu genero sou unico :
Sei muito bem conversar !
Por isso, deixei attonitos
Os leitores do *Jornal* !
Sou um papagaio celebre,
Um papagaio real !

CORO.

E' um papagaio celebre,
Um papagaio real !

O PAPAGAIO DE CANUDOS.

II

Os papagaios da Camara
—Palavra! — não valem mais :
Elles muitas vezes calam-se,
E eu não me calo jámais !
Mereço um poema epico,
Tenho fama universal !
Sou um papagaio celebre,
Um papagaio real !

CORO.

E' um papagaio celebre,
Um papagaio real !

N. 6

Scena da mulher sem cabeça, que surge de um alçapão.

CORO

(Musica de Paulino do Sacramento)

Este fantasma acephalo
Nos enche de terror!
Estamos todos tremulos
E cheios de pavor!

A MULHER SEM CABEÇA.

Vae acabar o panico!

(Transforma-se.)

Sou a Jardim Botanico!

TODOS.

Oh!...

A MULHER SEM CABEÇA.

Como estão vendo
Não sou nenhum fantasma horrendo!

CORO.

Estamos vendo :
Não é nenhum fantasma horrendo!

A MULHER SEM CABEÇA.

Sou elegante,
Sou fascinante,
Tenho um semblante
De embasbacar!

CORO.

Ai, que galante!
Que deslumbrante!
Que luz brilhante
No lindo olhar!...

RECITATIVO DO JAGUNÇO

(Musica de Luiz Moreira)

O jagunço não é tão somente
O matuto fanatico e máo,
Que nos invios sertões mata a gente
Escondido por traz de um bom páo.

E' jagunço o palurdio parola,
Que o progresso não quer da nação,
E, sem ter convicções na cachola,
Préga idéas de restauração.

E' jagunço, a pedir ferro e fogo,
O bolsista caipora e incapaz,
Que, perdendo o que tinha no jogo,
Pescador de aguas turvas se faz.

E tambem a jagunço promovo
Quem, querendo fortuna fazer,
Especula com o sangue do povo,
Pondo o cambio a dâscer, a descer.

O malandro que come do Estado,
Que só sabe dizer «venha a nós»,
E não está da Republica ao lado,
E' jagunço, e jagunço feroz.

O estrangeiro feliz que se arranja
E, arranjado, um bom coice nos dá,
E' jagunço,—jagunço da Estranja,
Que é peor que os jagunços de cá.

Dos jagunços o grupo é tão forte,
Que ha jagunços aos centos e aos mil;
Ha jagunços no Sul e no Norte
Ha jagunços em todo o Brasil!

— 9 —

N. 8

VALSA DA NINHARIA

(*Musica de mesmo*)

Entre mil futilidades,
Passo a vida descuidosa
Sem malicias nem maldades,
Divertida e venturosa.

Eu sou como a borboleta
Que entre as flores esvoaça ;
Nada, nada me inquieta,
Porque nada me ameaça.

Acho um doce paraizo
Neste mundo, e só desejo
Nos meus olhos um sorriso,
Nos meus labios um lampejo.

Travessura, traquinada,
Sonho, scisma, fantasia,
Eis ahi está do que é formada
A princeza Ninharia.

CORO.

Travessura, traquinada, etc.

N. 9

FINAL

(*Musica do Paulino do Sacramento*)

O REI.

Eia! vamos sem demora!
Toca, toca a despedir!
Vão-se embora!
Vão-se embora!
E' já tempo de partir!

CORO

Eia! vamos sem demora! etc.

NINHARIA.

Aqui descançados
Ficae, o' meus paes!
Nos peitos honrados
Suffoquem-se os ais!
De nada preciso
P'ra me defender,
Pois tenho juiso
P'ra dar e vender.
Adeus, mamãe! adeus, papae!
Adeus! Adeus! Vamos quem vae!

CORO.

Adeus, adeus, que ella se vae!

NINHARIA.

Gente patusca,
Vamos dansando,
Vamos cantando,
Para a estação,
Sem que esta brusca
Mudança de ares
Nos dê pezares
Ao coração.

CORO.

Gente patusca etc.

QUADRO II

Sala de jantar da pensão Dubois.

N. 10

RONDÓ DE MME. DUBOIS

(*Musica de Luiz Moreira*)

Procurando todo o dia,
Todo o dia sem parar,
Encontrar não poderia
Melhor casa em que morar,

Pois, por uma bagatela,
Tem um quarto um cidadão,
Com janella ou sem janella,
Com pensão ou sem pensão.

Veja que tranquillidade!
Quanta paz se goza aqui!
O barulho da cidade
Nesta casa nunca ouvi!

Os meus hospedes não creio
Que se considerem mal:
Têm jardim para recreio,
Têm banheiro no quintal.

A cosinha é variada
E o meu vinho não é máo;
Tenho ás quintas feijoada,
Tenho ás sextas bacalháo.

Procurando todo o dia,
Todo o dia sem cessar,
Encontrar não poderia
Melhor casa em que morar!

N. 11

COPLAS DA PRINCEZA NINHARIA

(Musica do mesmo)

I

Desde o primeiro ditoso instante
Em que esse lindo mancebo vi,
Sentado á meza do restaurante,
Alguma coisa me deu aqui!
Durante a sopa senti-me presa
Do olhar ardente, devorador...
Quando chegámos á sobremeza
Já me abrasavam chammias de amor!

II

Depois, no theatro, quasi ao meu lado,
Vi-o bem triste, bem jururú!...
Que olhar sombrio! que olhar magoado!
Nem dava ouvidos ao *Rio Ni!*
Acompanhou-nos até a porta,
E, disfarçando, me disse adeus...
Eu respondi-lhe de amores morta...
E depois vi-o nos sonhos meus!

QUADRO III

Na rua do Ouvidor.

N. 12

CORO

(Musica de Poulino do Sacramento)

Calculem que grande desgraça
Se a bala, que end'reço não tem,
Em vez de furar a vidraça,
Furasse a cabeça de alguém!...

— 13 —

N. 13

Passagem do 7º batalhão, que vai para Canudos.

CORO

(Musica do mesmo)

Bravos soldados brasileiros,
Ide esta Patria defender !
Levae o lemma dos guerreiros :
Vencer ou morrer !

QUADRO IV

O corredor da pensão Dubcis.

N. 14

DUETTINO

(Musica de Luiz Moreira)

NINHARIA.

Póde-lhe ser fatal tamanha sympathia.
Um personagem sou de mera fantasia.
Existo e não existo.

CHAGAS:

Existes, sim, — bem vejo
Nos roseos labios teus a supplica de um beijo !

(Quer dar-lhe um beijo)

NINHARIA, fugindo.

Não ! não ! Eu prometti ter muito juizinho !

CHAGAS.

Ai ! que será de mim
Se hei de viver sosinho
Com este amor ardente a consummir-me assim ?

NINHARIA.

(Motivo da valsa do 1º quadro)

Travessura, traquinada,
Sonho, scisma, fantasia,
Eis ahi está do que é formada
A princeza Ninharia.

Pois que uma esperança
Não lhe posso dar,
Nenhuma lembrança
Me deve guardar !

JUNTOS

NINHARIA.

Pois que uma esperança
Não lhe posso dar
Nenhuma lembrança
Me deve guardar !

CHAGAS.

Pois que uma esperança
Não me póde dar,
Nenhuma lembrança
Lhe devo guardar !

QUADRO V

A fachada do palacio do governo na noite de 24 de
Fevereiro de 1897

ACTO SEGUNDO

QUADRO VI

A sala de jantar da pensão Dubois.

N. 15

CORO

(Musica de Paulino do Sacramento)

Oh, que tormenta! oh, que aguaceiro!
Ai! toda a gente se assustou!
O nosso Rio de Janeiro
N'um vasto mar se transformou!

NINIIARIA.

Quando nós sahamos,
Do Itamaraty,
Tanta chuva, a cantaros,
Desabava ali,
Que poderíamos
Vir por ahi
No vasto pelago
Nadando assi!

CORO.

Oh, que tormenta! oh, que aguaceiro! etc.

N. 16

DUETTINO DOS DOUS GATUNOS.

(Musica de Luiz Moreira)

PRIMEIRO GATUNO.

O gatuno que é copeiro
P'ra fazer algum dinheiro
Exposto á bala não está.

SEGUNDO GATUNO.

Tu dice la veritá!

PRIMEIRO GATUNO.

Saltar muros e abrir portas,
Meu amigo, a horasmortas
O trabalho que isso dá!

SEGUNDO GATUNO.

Tu dice la veritá!

Senza periculo
Un ratonero
Quando é copero
Pode rubar...

PRIMEIRO GATUNO.

Sim, que, apanhando-se
Dentro da praça,
Não se embaraça
P'ra trabalhar!

A gatunagem na rua
Pede punhal e gazua.

SEGUNDO GATUNO.

Dentro de casa, soltando,
Non n'é bisogna de tanto...,

AMBOS.

Para o copeiro
Não ha flagrante,
Se o pé ligeiro
Tem o tunante!

N. 17

COPLAS

(Musica de Paulino do Sacramento)

I

CHAGAS.

Eu nada tenho de exigente...

MME. DUBOIS.

Faz muito bem !

CHAGAS.

Com qualquer coisa estou contente...

MME. DUBOIS.

Faz muito bem !

CHAGAS.

Mundos e fundos não exijo...

MME. DUBOIS.

Faz muito bem !

CHAGAS.

Por ganhar pouco não me afflijo.

MME. DUBOIS.

Meu filho, assim faço eu tambem.

CHAGAS.

Não seja tola, madama,
Não me ponha em máo costume ;
Em ter casa, meza e cama
O meu sonho se resume !

JUNIOS

CHAGAS.

Não seja tola, madama, etc.

MME. DUBOIS.

Elle não quer que a madama
Possa pol-o em máo costume ;
Em ter casa, meza e cama
O seu sonho se resume !

II

MME. DUBOIS.

Eu dou-lhe muito boa mesa...

CHAGAS.

Faz muito mal!

MME. DUBOIS.

Dou-lhe uma esplendida marquezia...

CHAGAS.

Faz muito mal!

MME. DUBOIS.

Dou-lhe um quartinho ventilado...

CHAGAS.

Faz muito mal!

MME. DUBOIS.

Mas quero dar-lhe um ordenado!

CHAGAS.

Isso é deveras collossal!

Não seja tola, madama! etc.

— 19 —

N. 18

CONCERTANTE

(Musica de Paulino do Sacramento)

CORO.

Oh, que barulho !
Que aconteceu ?
Temos embrulho ?
Alguem morreu ?
Que foi ? que foi ? que succedeu ?

O JAGUNÇO.

Vim achar o copeiro ajoelhado,
Fazendo a esta senhora uma declaração !

CORO.

Que grande malcriado !
Merece uma lição !

MME. DUBOIS.

Que é feito do culpado ?

NINHARIA.

Correu... fugiu... deixal-o !
Não vale a pena procural-o :
E' com certeza um agitado.

CORO.

Um agitado !

O JAGUNÇO.

Elle quem é ?

MME. DUBOIS.

Não sei ; mas trouxe este attestado.
O OFFICIAL CHILENO, *entrando*.
Ay, Jesus ! que ha succedido ?
Para que tanto alarido ?

CORO.

Olé !
Este hospede quem é ?

MME. DUBOIS.

Todo o respeito ordeno :
Este senhor é official chileno !

CORO.

Chileno !
Chileno !
Um official chileno !
Haja prazer e não pequeno !

O CHILENO.

Quiero estar tranquilo
Em mi bueno asylo
Placido y sereno !

NINHARIA.

Tranquillo ? Boas ! Um chileno !
Sobre os hombros é leval-o,
Carregal-o
N'uma marcha triumphal
Até o quintal !

CORO.

Sobre os hombros é leval-o, etc.

QUADRO VII

O largo da Carioca.

N. 19

CORO E COPLAS

(*Musica de Luiz Moreira*)

CORO.

Diga-nos, tenha paciencia !
De que se queixa o cidadão ?
Qual foi, meu Deus, a tal violencia ?
Vamos lá ver se tem razão
Ou não !

O DR. CEROPLASTICO.

I

O Pantheon Ceroplastico
Funcionava legalmente ;
Eu tinha carta patente,
Privilegio de invenção ;
As minhas datas historicas
Davam lições de civismo,
Ensinavam patriotismo
A toda a população.
Mas ora vejam — que diabo !—
Isto não tem tom nem som !
Deram-me cabo
Do Pantheon !

CORO.

Mas ora vejam — que diabo !—
Isto não tem tom nem som !
Deram-lhe cabo
Do Pantheon !

NINHARIA.

II

Se o Pantheon Ceroplastico
Funcionava legalmente,
Na cama, que é logar quente,
Amigo, deve chorar ;
Do Brasil as datas celebres,
Da sua historia o contexto
Não devem ser um pretexto
Para o povinho jogar !
Não faça caso—que diabo!—
Pois para todos foi bom
Darem-lhe cabo
Do Pantheon !

CORO.

Não faça caso—que diabo!—etc.

N. 20

VALSA.

(Musica do mesmo)

O ANNO DE 1897.

Hão de convir lealmente
Que ha muito tempo não ha
Anno tão bom, tão clemente
Como este anno que aqui está.

AS QUATRO ESTAÇÕES.

Contra nenhuma
Das estações
Haver não póde
Reclamações.

CORO.

Contra nenhuma etc.

O ANNO.

Sim, sou um anno sadio,
Sou um anno encantador!
Se no verão lhes dou frio,
Dei-lhes no inverno calor!
Hão de convir lealmente etc.

CORO.

Confessemos lealmente etc.

QUADRO VIII

O corredor da Pensão Dubois.

N. 21

GOPLAS DO ANDADOR

(Musica do mesmo)

I

A gente n'outra epoca
O seu filé fazia ;
Na divisão dos *lucros*
Podia enriquecer ;
Mal hoje é tal o cambio,
E' tal a carestia,
Que a cera do Santissimo
Não dá para viver !
 Não dá !
 Não dá !

Este negocio arreventado está!

II

Naquelles tempos prosperos
Pingava muita esmola ;
Trinta mil réis aos sabbados
Podia se fazer ;
Mas anda magra e tísica
A misera sacola :
A cera do Santissimo
Não dá para viver !
Não dá ! etc.

QUADRO IV

O quintal da pensão Dubois.

N. 22

(Musica de Paulino do Sacramento)

MME. DUBOIS.

Eu sou boa *ménagère*,
Sou mulher arranjadinha ;
Quando a casa não prospere,
Não será por culpa minha,
Pois em tudo ponho o olho,
Ando e corro o dia inteiro,
E aos lençóis não me recolho
Sem descer ao gallinheiro,
Sem olhar para o banheiro,
E ver se fica
Fechada a bica.

A VOZ DE UM GALLO.
Cocorocô.

MME. DUBOIS

O gallo cantou...
Mei noite vae soar...
São horas: vou me deitar.

N. 23

CORO

(Musica de Luiz Moreira)

Todos os hospedes afflictos,
Depois de ouvir medonhos gritos
E apitos,
Vem cada qual
C'um castiçal,
Ver se ha gatunos no quintal!

N. 24

COPLAS DA NINHARIA

(Musica do mesmo)

I

Meu caro, se um gatuno
Em nossa casa entrar,
E' mais do que opportuno
Gritar e mais gritar!
Bem o valor emprega
E o seu dever só faz
Quem á justiça entrega
Um ratoneiro audaz.

Convenho: saltar um muro
Coisa é mais grave
Do que uma porta no escuro
Abrir sem trazer a chave.

II

Porém o namorado
Que n'uma casa entrar
P'ra ver o bem amado
E não para roubar,

De um ratoneiro esperto
Não está nas condições,
E deve ter, por certo,
Centenas de perdões.

Um muro saltar á noite
Não vale nada,
Quando um typo a tal se affoite
Por causa da namorada.

N. 25

CORO.

(Musica do Paulino do Sacramento)

Quanta bulha para nada!
Toda a gente se assustou!
Fique a casa socegada,
Que o conflicto terminou!
Boa noite! — Ai, Jesus! que madrugada!

QUADROS X E XI

N. 26

CORO.

(Musica de Luiz Moreira)

Cá estão dez livros celebres,
Dez livros de Alencar,
Que hão de a futuras epochas
O nome seu levar!

O GUARANY.

Eis aqui
O grande *Guarany*.

IRACEMA.

Sou *Iracema*,
Mimosa flor,
Doce poema
Cheio de amor.

DIVA.

Eu seu *Diva*.

LUCIOLA.

Eu sou *Luciolo*.

A VIUVINHA.

Sou a meiga *Viuvinha*.

MÃE.

Eu, sou *Mãe*, um drama unico!
E' radiante a gloria minha!

TIL.

Til.

SENHORA.

Senhora.

O GAUCHO.

O *Gaúcho*.

O DEMONIO FAMILIAR.

E, p'ra acabar,
Eis aqui, leve e pernostico,
O *Demonio familiar*.

CORO.

Cá estão dez livros celebres, etc.

ACTO TERCEIRO

QUADRO XII

O largo da Lapa.

N. 27

CORO.

(Musica de Paulino do Sacramento)

Que grandissima estopada!
Nunca vi tamanha assim!
Basta, basta de massada!
Não espero pelo fim!

N. 28

COPLAS DA NOIVA

(Musica de Luiz Moreira)

I

O' meu amor querido,
O' meu querido amor,
Escuta o meu gemido,
Attende á minha dor!
Debalde por ti chamo!
E' fraca a minha voz!
Eu te amo, eu te amo, eu te amo!
Oh, que supplicio atroz!
 Ai meu bem!
 Ai, meu bem!
'Stou feita a viuva da parte d'além,
Que quer se casar e não acha com quem!

II

Dos braços meus fugiste
E não tiveste dó
De me deixar tão triste,
De me deixar tão só...
Se não me dás soccorro,
Se não me esposas tu,
Eu morro, eu morro, eu morro,
E vou para o Cajú!
Ai, meu bem! etc.

N. 29

TERCETTINO

(Musica do mesmo)

O THEATRO.

Eu sou...

JAGUNÇO E NINHARIA.

E' quem?

O THEATRO.

Reparem bem!

JAGUNÇO.

Desembuxe!

NINHARIA.

Ande com isso!

O THEATRO.

Vejam lá como eu caio no serviço!
Eu sou aquelle desgraçado
Chamado
Theatro Nacional!

OS TRES.

Eu sou {
E' elle } aquelle desgraçado, etc.

O THEATRO.

Coitado de mim, coitado,
Coitado que vou tão mal!

OS TRES.

Coitado { de mim, coitado, etc.
delle,

N. 30

EVOCACÃO

(Musica de Luiz Moreira)

Appareça já neste instante
O que houve de mais importante
E de menos cacete
Em mil oitocentos
E noventa e sete!

TODOS.

Em mil oitocentos
E noventa e sete!

N. 31

(Musica de Paulino do Sacramento)

OS DOUS GAROTOS E OS DOUS ABANDONADOS.

Enfermos, sujos e rotos,
Somos quatro desgraçados,
No Variedades garotos,
No Sant'Anna abandonados!

O VELHO ARTISTA.

Vê-se que o nosso theatro
E' muitissimo feliz,
Pois aqui elles são quatro
E apenas dous em Paris!

TODOS.

Sim, aqui { elles são
 { nós somos quatro,
E apenas dous em Paris!

N. 32

TERCETTO DOS TABELLIÃES

(Musica de Abdon Milanez)

I

Da bella magiea do Apollo
Os tres tabelliães cá estão!
Que é cada qual o mais ratão
Dizem de um pólo a outro pólo!
E basta apenas esta dansa
Com trololó do Milanez,
P'ra que tenhamos a esperança
De um centenario, ou dous, ou tres!

II

Em toda a parte na cidade
Se ouve esta musica feliz;
O povo inteiro pede bis
E bate palmas com vontade!
Sim, basta apenas esta dansa, etc.

N. 33

COPLAS DE NINHARIA

(*Musica de Cardoso de Menezes*)

I

Um heróe famigerado,
Que enche o mundo de terror,
E, n'um throno improvisado,
Se proclama imperador,
Fica logo derretido
Ante um feminino olhar,
E não é mais aguerrido
Que o sujeito mais vulgar.

Grandes homens e homens grandes
São mais fracos que qualquer
Mulher,
Pois de Cezar João Fernandes
Só não faz a que não quer!

II

Como esse Hercules valente,
Que deu tanto que falar,
E afinal foi docilmente
Aos pés de Omphale fiar,
O temido Bonaparte
Que milhões de homens matou,
A Cupido mais que a Marte
O tributo seu pagou.

Grandes homens e homens grandes etc.

N. 34

CONCERTANTE

(Musica de Paulino do Sacramento)

CORO.

O pobre Conservatorio
Dramatico Brasileiro
Já não existe!
Que coisa triste!

O VELHO ARTISTA.

Mas como é muito notorio
Que não merece berreiro,
Ninguem o chore
Nem o deplore!

O THEATRO.

Sim, deplorar ninguem deve
Quem tinha tão pouca estima!
A terra lhe seja leve
Co'o Pão de Assucar por cima!
Vamos vel-o?

TODOS.

Vamos lá!
Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!
Sim, deplorar ninguem deve etc.

QUADRO XIV

Em frente á nova praça de touros, nas Laranjeiras.

N. 35

CORO.

(Musica do mesmo)

Esta bella praça
Hoje se inaugura ;
Todos lhe acham graça
Como architectura.

N. 36

DUETTINO

(Musica de Luiz Moreira)

MME. DUBOIS

Para mim uma tourada
E' o melhor divertimento,
E, se eu fosse rapariga...
Não, não digo !

NINHARIA.

Diga... Diga...

MME. DUBOIS

Estaria enamorada
Do Tinoco ou do Zé Bento !
—Oh ! que artistas !

NINHARIA.

Que suspiro!

MML. DUBOIS.

Como investem para os bois!

NINHARIA.

Qual prefere ?

MME. DUBOIS.

Eu cá prefiro
Qualquer dos dois...

AMBAS.

Qualquer dos dois!

QUADRO XV

N. 37

TERCETTO.

(Musica de Cardozo de Meneses)

NINHARIA.

Oh! que vejo!... Inda este moço!
Que vem mais aqui fazer?
De que eu sua ser não posso
Não no posso convencer!
O namoro passageiro
Que entre nós se produziu,
Um capricho foi ligeiro,
Foi um sonho que fugiu.

Mas inda espero — Ah! Ah! Ah! Ah! —
Que convencido ficará.

OS TRES.

Ah! Ah! Ah! Ah!
Ah! Ah! Ah! Ah!

NINHARIA.

O contrario embora digam,
Eu cá penso e hei de pensar
Que os meus olhos não me obrigam
Pois que os tenho para olhar,
E que um rapido sorriso,
Muito embora intencional,
Em havendo algum juizo
Não me póde fazer mal.
Mas inda espero—Ah! Ah! Ah! Ah! — etc.

OS TRES.

Ah! Ah! Ah! Ah!
Ah! Ah! Ah! Ah!

QUADROS XVI E XVII

N. 38.

CORO INTERNO.

(Musica de Luiz Moreira)

Guerra, guerra, guerra, guerra,
Que é dever de patriotismo
Defender a nossa terra
Contra o negro fanatismo!

4513

PREÇO 500 réis

